



Pólis/Cosmópolis: identidades globais & locais

Autor(es): Soares, Carmen, ed. lit.; Fialho, Maria do Céu, ed. lit.; Figueira, Thomas, ed. lit.

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/40203>

DOI: DOI:<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1280-5>

Accessed : 3-Jan-2017 12:34:24

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



Pólis/Cosmópolis

Identidades Globais & Locais

**Carmen Soares, Maria do Céu Fialho
& Thomas Figueira (coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

HVMANITAS SVPPLEMENTVM • ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

Apresentação: esta série destina-se a publicar estudos de fundo sobre um leque variado de temas e perspectivas de abordagem (literatura, cultura, história antiga, arqueologia, história da arte, filosofia, língua e linguística), mantendo embora como denominador comum os Estudos Clássicos e sua projeção na Idade Média, Renascimento e receção na atualidade.

Breve nota curricular sobre os coordenadores do volume

Carmen Soares é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da mesma universidade. Os seus estudos e traduções desenvolvem-se na área científica de Estudos Clássicos, focando-se nos seguintes domínios específicos: historiografia (Heródoto), filosofia (Platão), tragédia (Eurípidés), família, dieta e alimentação.

Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho é Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra . As suas actividades de ensino, interesses e publicações são os Estudos Clássicos, Teatro Grego e Recepção, Poética e Ética (Platão e Aristóteles), Plutarco, épica alexandrina e novela grega. É autora de vários livros e artigos e tradutora para português de obras de Sófocles e Plutarco.

Thomas Figueira é Distinguished Professor de Estudos Clássicos e História da Antiguidade em Rutgers, The State University of New Jersey, onde ensina nos departamentos de Estudos Clássicos e História. De entre as suas mais de 120 obras publicadas, destacam-se *Aegina: Economy and Society* (1981); *Athens and Aigina in the Age of Imperial Colonization* (1991); e, como coordenador, de *Spartan Society* (2004).

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

DIRETOR PRINCIPAL
MAIN EDITOR

Delfim Leão
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

João Pedro Gomes
Marina Gelin Fernandes
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Aurélio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Carmen Morenilla
Universitat de València

Delfim Ferreira Leão
Universidade de Coimbra

Fábio de Souza Lessa
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Francisco de S. José Oliveira
Universidade de Coimbra

Giorgio Ieranó
Università degli Studi di Trento

Isabel Velázquez Soriano
Universidad Complutense de Madrid

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

José Augusto Bernardes
Universidade de Coimbra

José Ramos
Universidade de Lisboa

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

Maria Helena da Cruz Coelho
Universidade de Coimbra

Mark Beck
University of South Carolina

Santiago Lopez Moreda
Universidad de Extremadura

Virgílio Hipólito Correia
Museu Monográfico de Conímbriga

Pólis/Cosmópolis

Identidades Globais & Locais

**Carmen Soares, Maria do Céu Fialho &
Thomas Figueira (coords.)**

Universidade de Coimbra e Rutgers, The State University of New Jersey

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

PÓLIS/COSMÓPOLIS: IDENTIDADES GLOBAIS & LOCAIS

POLIS/COSMOPOLIS: GLOBAL & LOCAL IDENTITIES

COORDS. EDS.

Carmen Soares, Maria do Céu Fialho & Thomas Figueira

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Vendas online ONLINE SALES

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial EDITORIAL COORDINATION

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica GRAPHICS

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia INFOGRAPHICS

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento PRINTED BY

Simões & Linhares, Lda. Rua 4 de Julho, Armazém

n.º 2, 3025-010 Coimbra

Annablume Editora * Comunicação

www.annablume.com.br

Contato CONTACT

@annablume.com.br

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

POCI/2010

Projeto UID/ELT/00196/2013 -

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra



ISSN

2182-8814

ISBN

978-989-26-1279-9

ISBN Digital

978-989-26-1280-5

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1280-5>

Depósito Legal LEGAL DEPOSIT

© Dezembro 2016

Annablume Editora * São Paulo

Imprensa da Universidade de Coimbra

Classica Digitalia Universitatis Conimbrigensis

<http://classica.digitalia.uc.pt>

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

da Universidade de Coimbra

A ortografia dos textos é da inteira responsabilidade dos autores.

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under
Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

PÓLIS/COSMÓPOLIS: IDENTIDADES GLOBAIS & LOCAIS

POLIS/COSMOPOLIS: GLOBAL & LOCAL IDENTITIES

COORDS. EDS.

Carmen Soares, Maria do Céu Fialho & Thomas Figueira

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade de Coimbra e Rutgers, The State University of New Jersey

RESUMO – O livro *Polis/Cosmópolis* publica os resultados da investigação, feita a partir de perspectivas diversas, do modo como coexistiam, em tensão ou harmonia, no Mundo Greco-romano, na Idade Média e no Renascimento, identidades regionais e globais, minorias e maiorias, como se formaram e transformaram, desde o sistema da *polis*, do fenómeno da colonização, das ligas hegemónicas, da imagiologia de uma Atenas ideal à de uma Atenas instável e de valores perdidos, retratada através das suas figuras públicas, do olhar sobre o Outro e sobre a variedade de regimes políticos do Outro, aos Reinos Helenísticos, enfatizando Alexandria. Segue-se o percurso que leva de Roma a uma *Romanitas* linguística e da Europa ao Novo Mundo. Mantiveram-se, no entanto, coexistentes, por muito tempo, as línguas locais e a língua do Império, como afirmação de identidade regional e de pertença global. Foi o caso dos Reinos Alexandrinos, mas também, como se verá, o caso da Hispânia.

Este percurso leva a que se atente ao modo como padrões estéticos evoluíram, de uma sociedade oral para uma sociedade do livro e da leitura, tendo como suporte o mito, na sua inesgotável variedade, que vai da Índia Antiga e do seu interagir com o universo greco-romano ao Mundo Novo, através da recepção dos Clássicos, estudada e exemplificada no contexto da Lusofonia, através de uma reflexão, feita a partir desse Novo Mundo, sobre o papel dos Clássicos na educação em espaços diversos.

PALAVRAS-CHAVE

Polis, *Cosmopolis*, Identidades Regionais, Identidades Globais, Minorias, Maiorias, Mundo Greco-romano, Idade Média, Renascimento.

ABSTRACT

Polis/Cosmopolis publishes the results of research, arising from diverse perspectives, into the coexistence, in tension or in harmony, of regional and global identities, minorities, and majorities in the Graeco-Roman world, in the Middle Ages, and in the Renaissance. This work will explore the ways in which these cultural modalities were shaped, and transformed themselves, involving the *polis* system, the phenomenon of colonization, the hegemonic leagues, and Athens, both ideally imagined and historically beset with instability and lost values (as attested by its leading men). Our investigations also envision the Other, and consider the variety of political dispensations for the Other down to the Hellenistic kingdoms with, naturally, Alexandria first and foremost. There then follows the evolution that leads from Rome to a linguistic *Romanitas* and from Europe to the New World. Indeed, for a long time, local languages and the language of imperium coexisted as affirmations of regional identity and global integration, as was the case in the Hellenistic East as well as, in fact, in Hispania.

KEYWORDS

Polis, *Cosmopolis*, Regional Identities, Global Identities, Minorities, Majorities, Graeco-Roman World, Middle Ages, Renaissance.

COORDENADORES

Carmen Soares é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da mesma universidade. Os seus estudos e traduções desenvolvem-se na área científica de Estudos Clássicos, focando-se nos seguintes domínios específicos: historiografia (Heródoto), filosofia (Platão), tragédia (Eurípides), família, dieta e alimentação. Na qualidade de tradutora e comentadora de textos clássicos é co-autora dos livros V e VIII das *Histórias* e autora do *Ciclope* de Eurípides, do *Político* de Platão e de *Sobre o afecto aos Filhos* de Plutarco.

CV completo: www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=7724126685525965

Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho é Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desde 1998 e coordenadora da Área de Estudos Gregos do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da mesma universidade. Foi Coordenadora Científica do mesmo Centro entre 2000 e 2014. Actividades de ensino, interesses e publicações: Línguas e Literaturas Clássicas, Teatro Grego e Recepção, Poética e Ética (Platão e Aristóteles), Plutarco, épica alexandrina, novela grega. É autora de vários livros e artigos e tradutora para português de *Traquínias*, *Rei Édipo*, *Electra*, *Édipo em Colono*, de Sófocles, e também de Plutarco (*Vidas de Teseu* e de *Alcibiades*).

Thomas Figueira é "Distinguished Professor" de Estudos Clássicos e História Antiga na Universidade Rutgers, Universidade do Estado de New Jersey, onde leciona nos departamentos de Estudos Clássicos e História (tendo pontualmente ensinado no Departamento de Estudos sobre as Mulheres e de Género, bem como em "Honors Program" da Faculdade de Letras e Ciências). Deu aulas de História da Antiguidade Clássica, de Línguas e Literaturas Clássicas e de Humanidades Clássicas em tradução, a todos os níveis de ensino superior. Entre as suas mais de 120 publicações, destacam-se *Aegina: Economy and Society* (1981); *Athens and Aigina in the Age of Imperial Colonization* (1991); *Excursions in Epichoric History* (1993); *The Power of Money: Coinage and Politics in the Athenian Empire* (1998); refram-se igualmente as seguintes obras publicadas em co-autoria (com T.C. Brennan & R.H. Sternberg) *Wisdom from the Ancients: Enduring Business Lessons from Alexander the Great, Julius Caesar, and The Illustrious Leaders of Ancient Greece and Rome* (2001), em co-edição (com G. Nagy) *Theognis of Megara: Poetry and the Polis* (1985) e como coordenador *Spartan Society* (2004).

CV completo: <http://classics.rutgers.edu/docman/list/all/people/docman/category/7/figueira/cv/file>

EDITORS

Carmen Soares is Associate Professor of the University of Coimbra (Faculty of Letters) and member of the Centre of Classics and Humanistic Studies of the same university. Teaching activities, research interests and publications: Classics, Ancient Greek History and Food History. Author of several books and papers and translator into Portuguese of Herodotus' *Histories* (books V and VIII), Euripides (*Cyclops*), Plato (*Statesman*) and Plutarch (*On Affection for Offspring*).

Complete CV: www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=7724126685525965

Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho is Full Professor of Classics at the University of Coimbra since 1998 and coordinator of the Area Greek Studies of the Centre of Classics and Humanistic Studies of the same university. She was Scientific Coordinator of the same Center between 2000 and 2014. Teaching activities, research interests and publications: Classics, Greek Theatre and its Reception, Poetics and Ethics (Plato and Aristotle), Plutarch, Alexandrian Epic and Greek novel. Author of several books and papers and translator into Portuguese of Sophocles' *Trachiniae*, *Oedipus the King*, *Electra*, *Oedipus at Colonus*, and also of Plutarch (*Theseus' and Alcibiades' Lives*).

Thomas Figueira is "Distinguished Professor" of Classics and of Ancient History at Rutgers, The State University of New Jersey, where he teaches in the departments of Classics and History (with occasional teaching in the Department of Women and Gender Studies and the Honors program of the Faculty of Arts and Sciences). He has offered instruction in classical history, the Greek and Latin languages and literatures, and classical humanities in translation at all levels up to and including graduate studies. Among his over one hundred-twenty publications, he is the author of *Aegina: Economy and Society* (1981); *Athens and Aigina in the Age of Imperial Colonization* (1991); *Excursions in Epichoric History* (1993); *The Power of Money: Coinage and Politics in the Athenian Empire* (1998); (with T.C. Brennan & R.H. Sternberg) *Wisdom from the Ancients: Enduring Business Lessons from Alexander the Great, Julius Caesar, and The Illustrious Leaders of Ancient Greece and Rome* (2001), and has edited or co-edited (with G. Nagy) *Theognis of Megara: Poetry and the Polis* (1985) and *Spartan Society* (2004).

Complete CV: <http://classics.rutgers.edu/docman-list-all/people-docman-category/7-figueira-cv/file>

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

PREFÁCIO (Foreword)	13
DEFENSE AND DETERRENCE IN THE CONTEXT OF THE FOUNDATION OF THE DELIAN LEAGUE Thomas J. Figueira	17
REGIMES POLÍTICOS NAS <i>HISTÓRIAS</i> DE HERÓDOTO. O “DIÁLOGO DOS PERSAS” (3. 80-82) (Constitutions in Herodotus’s <i>Histories</i> : The “Persian Dialogue”, 3. 80-82) Carmen Soares	43
ATENAS, PERFIL DE UMA CIDADE MODELO (Athens Portrayed as a Model-City) Maria de Fátima Silva	53
ALCIBÍADES EM PLUTARCO: O ESPELHO DA PÓLIS ATENIENSE EM ÉPOCA DE CRISE (Alcibiades in Plutarch: the mirror of the Athens in a time of crisis) Maria do Céu Fialho	69
RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS NA CONSTRUÇÃO DA PAZ DE FILÓCRATES (Diplomatic Relations in the “Peace of Philocrates”) Elisabete Cação	79
CONFLITUALIDADE RELIGIOSA EM TEMPO DE PAZ. RELIGIÃO E POLÍTICA NA DINASTIA CONSTANTINIANA (Religious Conflicts in a Time of Peace. Religion, and Politics in Constantinian Dynasty) Paula Barata Dias	85
A CIDADE DE DEUS E A CIDADE DOS HOMENS: GÊNESE DE UM PARADIGMA (The City of God and the City of Men: Genesis of a Paradigm) Marleine Paula M. E. F. de Toledo	101
LENGUAS E IDENTIDADES: EL CASO DE HISPANIA (Languages and Identity: the Case of Hispania) Francisco Beltrán Lloris	119
DA PÓLIS À COSMÓPOLIS: DOS MOSTEIROS CISTERCIENSES PORTUGUESES AO CAPÍTULO GERAL DE CISTER. (From “Polis” to “Cosmopolis”: From Portuguese Cistercian Monasteries to the Cistercian General Chapter) Maria Alegria Marques	135

CALÍMACO E A LINGUAGEM UNIVERSAL DO MITO (Callimachus and the Universal Language of Myth) Marta Várzeas	149
TRÓIA EGINETA, OU A APROPRIAÇÃO COSMOPOLITA DE UM MITO HEROICO (Aeginetan Troy, or the Cosmopolitan Use of an Heroic Myth) Carlos A. Martins de Jesus	157
A ÍNDIA NA MITOLOGIA GREGA (India in Greek Mythology) Nuno Simões Rodrigues	167
“SELECIONANDO CREPÚSCULOS”: A FUNÇÃO DOS CLÁSSICOS NA CONCEPÇÃO DE CULTURA E CIVILIZAÇÃO DE LUIS DA CÂMARA CASCUDO (“Selecting Twilights”: the Function of the Classics in Luis da Câmara Cascudo’s Conception of Culture and Civilization) Maria das Graças de Moraes Augusto	175
CITTÀ PUBBLICITARIE (Advertising Cities) Delio De Martino	189
CITTÀ VISIBILI (Visible Cities) Francesco De Marino	197
PÓLIS GREGA E COLONIZAÇÃO (The Greek Polis and Colonization) José Ribeiro Ferreira	211
EL CULTO IMPERIAL COMO PUNTO DE ENCUENTRO ENTRE CULTURAS. UNA APROXIMACIÓN SUCINTA (The Imperial Cult as an Element of Integration between Cultures: a Succinct Outline) Marc Mayer i Olivé	227
IL MERCATI: MERCI E CULTURE (The Markets: Goods and Culture) Giulia Baratta	237
URBES AND OPPIDA IN DIMITRIE CANTEMIR’S DESCRIPTIO MOLDAUIAE Ioana Costa	253
LE CARACTÈRE COSMOPOLITE ET MULTICULTUREL DES COLONIES GRECQUES OUEST-PONTIQUES. (The Cosmopolitan and Multicultural Character of the West Pontic Greek Colonies) Florica Bechet	261
ITER POPULO DEBETUR: REDE VIÁRIA E LEGISLAÇÃO NO IMPÉRIO ROMANO (<i>Iter Populo Debetur</i> : Road Network and Legislation in the Roman Empire) Vasco Mantas	273

OS HUMANISTAS E O PODER. DIREITO E CÊNCIA POLÍTICA NO CONTEXTO DO RENASCIMENTO (Humanists and Power. Law and Political Science in the Context of the Renaissance) Nair Castro Soares	303
LOS UNIVERSITARIOS PORTUGUESES GRADUADOS EN BOLONIA, ALFONSO DE CARTAGENA Y POGGIO BRACCIOLINI (The Portuguese University Students who Graduated in Bologna, Alfonso de Cartagena, and Poggio Bracciolini) Tomás Gonzáles Rolán	319
BIBLIOGRAFIA	331
INDEX LOCORVM	373

(Página deixada propositadamente em branco)

PREFÁCIO

É objectivo deste livro – *Pólis/Cosmópolis* – publicar os resultados da investigação, feita a partir de perspectivas diversas, do modo como coexistiam, em tensão ou harmonia, no Mundo Greco-romano, na Idade Média e no Renascimento, identidades regionais e globais, minorias e maiorias, como se formaram e transformaram, desde o sistema da *pólis*, do fenómeno da colonização, das ligas hegemónicas, da imagiologia de uma Atenas ideal à de uma Atenas insustentável e de valores perdidos, retratada através das suas figuras públicas, do olhar sobre o Outro e sobre a variedade de regimes políticos do Outro, aos Reinos Helenísticos, enfatizando Alexandria. Segue-se o percurso que leva de Roma a uma *Romanitas* linguística e da Europa ao Novo Mundo. Mantiveram-se, no entanto, coexistentes, por muito tempo, as línguas locais e a língua do Império, como afirmação de identidade regional e de pertença global. Foi o caso dos Reinos Alexandrinos, mas também, como se verá, o caso da Hispânia.

Este percurso leva a que se atente ao modo como padrões estéticos evoluíram, de uma sociedade oral para uma sociedade do livro e da leitura, tendo como suporte o mito, na sua inesgotável variedade, que vai da Índia Antiga e do seu interagir com o universo greco-romano ao Mundo Novo, através da recepção dos Clássicos, estudada e exemplificada no contexto da Lusofonia, através de uma reflexão, feita a partir desse Novo Mundo, sobre o papel dos Clássicos na educação em espaços diversos.

Todas estas transformações implicam incentivos de mobilidade e encontro em grandes espaços multiculturais, de intercâmbio de bens, de notícias, de novas produções culturais. O admirável sistema viário construído por Roma foi uma das infra-estruturas que permitiram tal mobilidade. Os mercados incentivaram-na. O culto imperial atesta essa síntese multicultural, decorrente da interacção religiosa com o Oriente, assim como a expansão e enraizamento do Cristianismo no Império levará, na dinastia constantiniana, ao conflito de religiões em tempo de paz. E este conflito inspirará Agostinho de Hipona a conceber, com marcas do pensamento platónico trabalhado pelo Proto-neoplatonismo, uma cidade global, universal, num universo ideal, no plano celeste, que é a Cidade de Deus, matriz inspiradora das futuras utopias do Renascimento.

Já no contexto do Cristianismo medieval, as ordens religiosas – toma-se como caso em estudo a dos monges de Cister – constituem um fulcro de convergência multicultural, pelos mercados à volta dos conventos, mas também pelo intercâmbio de conhecimentos do modo de trabalhar a terra e do cultivo de produtos tradicionais e novos, para além da preservação do *corpus* cultural transmitido das culturas antigas.

Com o advento das universidades, a mobilidade entre ordens, depois entre centros universitários, já em tempo de transição para o Renascimento, contribui

para um diálogo cultural entre os homens de letras, para uma relação entre os pólos de cultura, que, ao mesmo tempo que se projetam com o enriquecimento cultural dos seus membros, afirmam o seu perfil específico de competências e a sua fama. Uma nova época se anuncia.

Viajar e descrever constituem uma actividade recorrente, desde a Antiguidade, impulsionada pelo incontido interesse em conhecer o Outro e confrontá-lo com a cultura própria, para perceber ambos, ou percorrer o espaço de pertença, descrito e detalhado, para memória dos vindouros. Entre o global e o local se situa este interesse dos viajantes e o atestam civilizações diversas.

No contexto do Renascimento, tais mobilidades criaram, por vezes, complexas teias relacionais com o poder, no contexto das universidades, das competências e do ideário dos Humanistas.

Finalmente, o estudo iconográfico transporta-nos para a modernidade, com a permanência de ‘sinais’, na própria publicidade, e recurso do marketing globalizado ao imaginário do Mundo Greco-romano.

Este estudo conjunto, constituído por vinte e três contributos de especialistas de áreas diversas e de centros de cultura diversos, atesta a actualidade e necessidade da convergência *cosmopolitana* de saberes, à volta de um projecto desenvolvido na Universidade de Coimbra. Possa ele inspirar e servir de base para alimentar um diálogo crítico e produtivo, para a cidadania contemporânea, com a modernidade.

Carmen Soares
Maria do Céu Fialho
Thomas Figueira

FOREWORD

It is the aim of this book – *Polis/Cosmopolis* – to publish the results of research, arising from diverse perspectives, into the coexistence, in tension or in harmony, of regional and global identities, minorities, and majorities in the Graeco-Roman world, in the Middle Ages, and in the Renaissance. This work will explore the ways in which these cultural modalities were shaped, and transformed themselves, involving the *polis* system, the phenomenon of colonisation, the hegemonic leagues, and Athens, both ideally imagined and historically beset with instability and lost values (as attested by its leading men). Our investigations also envision the Other, and consider the variety of political dispensations for the Other down to the Hellenistic kingdoms with, naturally, Alexandria first and foremost. There then follows the evolution that leads from Rome to a linguistic *Romanitas* and from Europe to the New World. Indeed, for a long time, local languages and the language of *imperium* coexisted as affirmations of regional identity and global integration, as was the case in the Hellenistic East as well as, in fact, in Hispania.

We shall also examine how aesthetic patterns evolved from an oral culture to one of the book and reading, a process drawing on ancient myth in its inexhaustible variety, which also reveals tokens of its interaction with other sources, as disparate as Ancient India and the intersection of Classical myth with the New World. Such reception may be studied and exemplified in the Lusophone context, which manifests the pedagogic potential of Classics for education in diverse settings.

All these transformations imply the existence both of incentives for cultural mobility – played out in great multicultural spaces – and of the interchange of goods, of news, and of new cultural productions. The admirable road system built by Rome was one of the infrastructures that enabled this mobility, and it was promoted by markets. The imperial cult attests this multicultural synthesis, which emerged through religious interaction with the East as well from the expansion and rooting of Christianity in the Empire that led, in the dynasty of Constantine, to religious conflict during a peaceful era. This conflict inspired Augustine of Hippo to conceive a global, universal city, with the marks of Platonic thought tinged by Proto-Neoplatonism, in an ideal world in a celestial realm, that is, a City of God, a “matrix” inspiring the later utopias of the Renaissance.

Already in the context of medieval Christianity, the religious orders constituted a fulcrum of multicultural convergence for markets around the monasteries – the Cistercian monks may be taken as a case study. The monasteries also promoted the exchange of knowledge regarding skills for working the land and cultivation of products, both traditional and new, in addition to preserving the cultural *corpus* transmitted from ancient cultures.

With the advent of universities, the mobility between religious orders and thence between centers of university teaching, especially during the transition to the Renaissance, contributed to the cultural dialogue among men of letters and to such a growth of connections between the nodes of cultural life that, at the same time as they manifested a cultural enrichment for their participants, they established a particular profile of intellectual competencies and earned their fame. A new epoch had announced itself.

Hence, traveling and reporting have been regular activities since Classical Antiquity, driven by an irrepressible impulse to know the Other and to confront him in his own culture, as a means to understand both traditions, or to move amid the spaces of identity, however described and detailed, in service of memory for future generations. Between the global and the local stand the preoccupations of the travelers, as various civilizations attest. In the context of the Renaissance, the mobilities interesting us create complex webs of power relations with the universities regarding their skills and Humanistic ideals. Finally, iconographic research can take us to modernity, with the persistence of the 'signs' of the Greek and Roman conceptual universe, where advertising, for example, has recourse to the ancient world as a globalized marketing resource.

The present collaboration, with twenty-three contributions from experts in various fields and from institutions in diverse cultures, speaks to the timeliness of and necessity for a cosmopolitan convergence of scholarly specialties, deriving from a project developed at the University of Coimbra. It is our hope that this research may inspire and serve as a basis to sustain a critical and productive dialogue about modernity for contemporary civic life.

Carmen Soares
Maria do Céu Fialho
Thomas Figueira

TROIA EGINETA, OU A APROPRIAÇÃO COSMOPOLITA DE UM MITO HEROICO (Aeginetan Troy, or the cosmopolitan use of an heroic myth)

CARLOS A. MARTINS DE JESUS (carlosamjesus@gmail.com)
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos-Universidade de Coimbra

RESUMO – O presente estudo debruça-se sobre as relações culturais, tanto poéticas como iconográficas, de Baquilídes com a ilha de Egina. Partindo sobretudo da ode 13 do *corpus* de Baquilídes, analisam-se as relações intersemióticas no tratamento do mito dos Eácidas que combateram em ambas as campanhas contra Troia, buscando compreender como poesia e artes plásticas, neste como noutros casos, mantinham uma relação de complementaridade essencial para o funcionamento do encómio do atleta e da sua pátria, no percurso simbólico da pólis à *cosmopolis*.

PALAVRAS-CHAVE: Baquilídes, Egina, epinício, encómio, Templo de Afaia, Templo de Apolo, intersemiose.

ABSTRACT – This paper focuses on the cultural relations, both poetic and iconographic, between Bacchylides and Aegina. Working mostly upon Bacchylides' thirteenth epinician ode, I analyse the intersemiotic treatment of the myth of the Aeacids that fought in both the Trojan campaigns, while trying to understand how poetry and the plastic arts retained a complementary relationship, necessary to achieve the encomium of the athlete and his homeland along the symbolic path from *polis* to *cosmopolis*.

KEYWORDS: Bacchylides, Aegina, epinician, encomium, Temple of Aphaea, Temple of Apollo, intersemiotics.

Remontam ao início do século VI¹ as hostilidades entre Egina – essa pequena ilha rochosa de escassos 87 km², bem ao centro do Golfo Sarónico – e a mais importante pólis do mundo grego, ao que tudo indica pela supremacia marítima, na qual desde há muito a primeira ilha se destacava e se apresentava como perigosa ameaça à hegemonia ateniense. O conflito atingiu o seu expoente máximo com as guerras medo-persas, durante as quais Egina foi acusada pelos Atenien-ses de medismo (alinhamento na facção persa). São complexos – e desnecessário expô-los aqui ao pormenor² – os contornos destas rivalidades, multiplicando-se os episódios militares e políticos que contribuíram para o agudizar das divergências, narradas sobretudo por Heródoto. Mais importa, para já, conceber como nesses primeiros anos do século V Egina se via atacada e caluniada pela pólis dos

¹ Todas as indicações cronológicas, a menos que o contrário se diga, são anteriores a Cristo (a.C.).

² Entre os muitos títulos dedicados a este assunto, vd. o estudo sistemático de Podlecki 1976: 396-413.

Atenienses, necessitando justificar o seu poderio e defender-se das acusações.

É comum que uma pólis busque, ao longo dos séculos, justificar etiológicamente o seu valor, fazendo a sua ancestralidade remontar a uma figura ou um grupo de figuras míticas de inegável valor. São conhecidas as apropriações atenienses dos dois maiores heróis, Hércules e Teseu, progressivamente – e em séculos consecutivos – transformados em heróis fundadores. Não poucas vezes, porém, é aos heróis que combateram em Troia, nesse passado mítico impossível de situar no tempo, mas que ocuparia, para os Gregos antigos, um lugar limítrofe entre a realidade histórica e o mito, que recorrem os agentes encarregues desta tarefa: poetas, pintores, escultores, logógrafos e historiadores. No caso de Egina, constitui a ode 13 de Baquírides o mais antigo testemunho de um processo poético de legitimação do passado mítico da ilha (vv. 91-99):

e elas, coroadas de rubras
flores e folhas de cana,
enfeite da sua terra,
essas donzelas cantam [o teu filho,
ó soberana de terra a todos hospitaleira,
e Endeide de róseos braços,
a que gerou [Peleu, semelhante a um deus,
e Télamon, o guerreiro do escudo,
quando a Éaco se uniu no leito;

A ode, dedicada a Píteas de Egina, filho de Lâmpon (v. 68), pela vitória no pancrácio em Nemeia, cuja datação, insegura, deve rondar os anos de 487-480, celebra a mesma vitória que cantou Píndaro na *Nemeia 5*³, e não mais constitui opinião geral que teria sido o poeta tebano o contratado para a celebração oficial, ao passo que Baquírides, ainda jovem, teria enviado o seu epinício de maneira voluntária. Com efeito, parece indicar que também a ode de Baquírides foi encomendada a proeminência que nela é dada a Lâmpon, pai do atleta, referido por duas vezes e alvo de especial atenção entre os versos 226-227⁴. Nos versos que transcrevemos, o poeta coloca-nos diante dos olhos uma realidade local, a celebração por meio de coros femininos do passado mítico da ilha, o que, em simultâneo, lhe permite a reconstrução da genealogia (vv. 95-99) que legitima os

³ Apenas Mann 2001: 192-193 sugeriu que os epinícios celebrariam vitórias diferentes, atribuindo a *Nemeia 5* de Píndaro a um triunfo no pancrácio na categoria dos jovens, em 485, e a ode de Baquírides a outra vitória, conseguida na mesma modalidade e em categoria etária desconhecida, em 481. A hipótese de Mann foi discutida por Cairns 2010: 129-131, que dela discorda, considerando, em conclusão, que se de facto os epinícios correspondem a duas vitórias distintas, elas devem ter ocorrido com poucos anos de intervalo; mas que, em seu entender, “the most probable and economical explanation remains that the odes celebrate the same victory” (131).

⁴ Vd. Maehler 1982: 290-291, ad vv. 226-227 e Fearn 2007: 115 e n. 78.

dois protagonistas da narrativa mítica central, resumível no seguinte esquema: Zeus uniu-se a Egina, uma das ninfas filhas do deus-rio Asopo, e gerou Éaco; este, unindo-se a Endeide, gerou Peleu e Télamon, de quem descendem Aquiles e Ájax, respectivamente. São eles os protagonistas da aristeia combinada que, com profundo sabor épico, é narrada entre os versos 100-167, a recriação lírica condensada do episódio amplamente descrito na *Iliada* do recontro entre Gregos e Troianos junto das naus dos primeiros (*Il.* 15.415-746, 16.1-111, 114-123).

A genealogia seguida por Baquilides seria, ao tempo, assumida como verdadeira pelos Eginetas. Não obstante, a relação mítica entre os Eácidas que se evidenciaram em Troia e Egina é relativamente tardia. Na *Iliada* (21. 187-189), o próprio Aquiles apenas diz ser filho de Peleu e neto de Éaco, este último filho de Zeus, não havendo qualquer menção à ninfa filha de Asopo como progenitora da sua raça; igualmente, Ájax é dito filho de Télamon (e.g. *Il.* 2. 768), mas não há qualquer referência à ascendência da ninfa. A situação poderá ter começado a mudar, contudo, ainda durante os séculos VII-VI, se levarmos em conta o escólio ao verso 21 da *Nemeia* 3 de Píndaro (datável de 475), que informa que, no *Catálogo das Mulheres* tradicionalmente atribuído a Hesíodo (= Hes. fr. 205 M-W)⁵, a geração descendente de Éaco (os Mirmidões) habita numa ilha, que Tzetzes (*ad Lyc.* 176) confirma tratar-se de Egina⁶. Independentemente do risco desta interpretação – porquanto Tzetzes, o comentador, data apenas do século XII da nossa era –, parece haver dados que sustentam o desenvolvimento relativamente prematuro de um nacionalismo pró-egineta, o mesmo que estaria já perfeitamente consolidado na época de Píndaro e Baquilides.

É portanto credível que, quando os episódios da *Iliada* se tornaram frequentes, as semelhanças entre a tradição dos Mirmidões da lenda tessálica e a dos homens-formiga de Egina tenham levado à fusão, intencional, de ambas as tradições. Os cantores locais passaram a identificar o seu fundador, Éaco, com o pai do Peleu homérico, por via da ninfa Egina, uma ligação que cedo terá sido aceite, de forma que, já nos finais do século VI, Éaco e os seus descendentes pertenceriam a Egina, pelo menos do ponto de vista dos Eginetas. Prova-o de forma segura a iconografia, sobretudo a estatuária local, que reproduz o episódio da perseguição de Egina por Zeus, em presença do pai, Asopo. Com efeito, a cena terá sido incorporada num dos pedimentos do templo de Apolo (cuja reconstrução estaria concluída por volta

⁵ Assunto muito polémico tem sido a datação do *Catálogo*. Desde Janko 1982: 85-87, que entende, por questões linguísticas, que o poema pode ser contemporâneo de Hesíodo (c. 700); Schwartz, considera que terá atingido a sua forma final entre 506-476; e West 1985, talvez a opinião mais autorizada, situa-o algures entre 580 e 520. Um dado levado em conta tem sido a referência a Cirene (frs. 215, 216 M-W), cuja fundação data apenas de 630.

⁶ O fragmento, que os editores não conseguiram inscrever em nenhuma obra em concreto, apenas refere como Egina deu à luz Éaco e como Zeus, para aplacar a solidão dessa ninfa, transformou todas as formigas da ilha em homens e mulheres. A interpretação de Tzetes, com efeito, pode proceder de outras fontes textuais às quais tivesse acesso, desde logo o próprio Píndaro.

de 510) e na primeira versão, perdida, de um dos pedimentos do templo de Afaia (c. 490), esculturas nas quais adiante nos deteremos.

A outro nível, o da geografia mítica, pode igualmente iluminar-se a assimilação da genealogia dos Eácidas a Egina. G. A. Privitera 1988: 63-70 demonstrou que os Eginetas, algures no século VI, terão construído um canal subterrâneo artificial que transportaria a água do Monte Panhelénio, situado no interior da ilha, directamente para uma fonte no centro da cidade, à qual se dava o nome de Asópis. Assim se criava uma relação topográfica assente nas lendas do principal rio do continente, o Asopo, além de que sabemos da relação do espaço dessa fonte com execuções corais. De resto, Pausânias (2.30.4) informa que Éaco era originalmente honrado por ter posto termo a uma grande seca na ilha, em consequência do que teria sido instituído o culto a Zeus Helânio⁷. O mito egineta dos Eácidas tem assim, ao que parece, uma forte relação com a topografia da ilha, pois é credível que a fonte Asópis se localizasse no mesmo local onde fora construído um santuário em homenagem a Éaco⁸, o *Aiakeion*, o monumento que descreve Pausânias (2.29.6-7) e que se crê, hoje, que marcaria o local do túmulo do herói e ficaria bem ao centro da ilha⁹.

Neste recinto os vencedores atléticos ofereciam as suas coroas à memória do herói fundador, como demonstra Píndaro (*N.* 5.53-54 + schol. *Pind.* *N.* 5.94e-f), e aí se realizava também um festival em sua homenagem, as *Aiakeia*, onde se pensa que Píndaro terá apresentado o Péan 15 e, provavelmente, o prosódion do Péan 6 (vv. 123-183), numa apresentação independente. Mais, um passo em concreto do poeta tebano (*Ol.* 13.109), com a sua alusão, num catálogo de vitórias de um atleta de Corinto, ao “túmulo de Éaco”, sugere que as *Aiakeia* incluíam também competições atléticas e que seriam jogos abertos a estrangeiros, o que ilustra a ânsia de pan-helenismo da ilha também ao nível desportivo. Quanto ao epinício de Baquilides, pese embora a ausência de referências concretas ao local e circunstâncias da sua apresentação, é plausível que também ele tenha sido executado no mesmo contexto, relacionando-se com a actividade cultural das *Aiakeia*.

Pelo que ficou dito, não estranha o leitor minimamente informado da poesia grega encontrar desenvolvido na ode 13 um segmento mítico que lida com um episódio em concreto dos Eácidas, neste caso a aristeia de Ájax e Aquiles perante o ataque dos troianos às naus gregas, em plena guerra de Troia (vv. 100-169). Com efeito, dos onze epinícios que Píndaro compôs para celebrar a vitória de atletas dessa ilha, datáveis entre 485 e 446, apenas a oitava *Pítica* não trata, no

⁷Éaco havia ficado conhecido como o herói que salvou a Grécia da carestia. Perante a calamidade, embaixadas de vários pontos da Hélade teriam, a conselho do oráculo de Delfos, vindo à sua presença, solicitando-lhe que pedisse a seu pai por chuva (*Isoc.* 9.15; schol. *Pind.* *Pa.* 6.125).

⁸Para uma reconstrução topográfica da ilha de Egina ao tempo vd. Fearn 2007: 94-95.

⁹Sobre este recinto e a sua arqueologia vd. Walter 1993: 54-56.

mito central, de episódios protagonizados por descendentes de Éaco¹⁰. São estas composições mostra de um investimento no folclore e nas tradições locais vestido de ânsias de projecção pan-helénica, um esforço patrocinado de afirmação da legitimidade guerreira e política de Egina enquanto força pan-helénica digna de respeito e de temor, como respeito e temor inspiravam Ajax e Aquiles – ou Peleu e Télamon, na geração anterior – aos Troianos.

Se atentarmos na pouco extensa quantidade de cerâmica proveniente da ilha de Egina que conservamos¹¹, poucas conclusões se podem retirar quanto à utilização gráfica dos mitos dos Eácidas em Troia, como vimos os preferidos de Píndaro e Baquilides para a composição dos seus epínicios para atletas locais. Não obstante, algumas peças em particular atestam esse tratamento e corroboram a conclusão de que se trata de um segmento mítico caro aos Eginetas da segunda metade do século VI e dos inícios do século V¹².

Destacamos duas peças provenientes da ilha. A primeira, uma ânfora de colo ateniense de figuras negras, atribuída por Beazley ao Grupo das Três Linhas, datada de c. 550-500 (*ABV* 320.7, 290, 694 = *LIMC* 'Priamos' 88), exhibe uma cena da destruição de Troia, desta feita a morte de Príamo num altar às mãos de

¹⁰ Damos, por ordem cronológica dos poemas que integram, uma síntese dos episódios míticos tratados pelo poeta tebano: *N.* 7 [485?], para Sógenes de Egina, vencedor no pentatlo infantil: Ajax e o seu suicídio por humilhação; Neoptólemo, filho de Aquiles que, no regresso de Troia e depois de um breve reinado sobre os Molossos, encontrou a morte em Delfos às mãos de um sacerdote, na luta pelas carnes do sacrifício. *N.* 5 [487-480?], para Píteas de Egina, vencedor no pancrácio (a mesma vitória que celebra Baquilides): Peleu, a recusa do casamento com Hipólita e as bodas com Tétis; Télamon e Peleu (filhos da Endeide) e Foco (filho de Psamateia). *I.* 6 [480], para Filácidas de Egina, vencedor no pancrácio de jovens: Télamon parte com Hércules para a primeira Guerra de Troia; súplica de Hércules a Zeus para a descendência de Télamon; profecia acerca de Ajax. *I.* 8 [478], para Cleandro de Egina, vencedor no pancrácio infantil: bodas de Peleu e Tétis; profecia do futuro glorioso de Aquiles, filho de ambos. *I.* 5 [478?], para Filácidas de Egina, vencedor no pancrácio: Aquiles mata Cicno, Heitor e Mémnon. *N.* 3 [475], para Aristoclides de Egina, vencedor no pancrácio: feitos de Peleu (conquista de Iolcos), Télamon (com Iolau, matou Laomedonte – primeira Guerra de Troia – e lutou contra as Amazonas) e Aquiles (destruição de Troia); a educação do último com Quíron. *N.* 4 [473?], para Timasarco de Egina, vencedor na palestra: Télamon, Teucro, Aquiles, Neoptólemo, etc.; bodas de Peleu e Tétis. *N.* 6 [465], para Alcímidas de Egina, vencedor na luta infantil: morte de Mémnon às mãos de Aquiles. *O.* 8 [460], para Alcimedonte de Egina, vencedor na luta infantil: construção da muralha de Troia por Apolo, Poséidon e Éaco; Apolo interpreta um prodígio durante a construção como presságio das futuras conquistas de Egina, uma por Hércules, Télamon e Peleu, outra por Neoptólemo, filho de Aquiles. *N.* 8 [459], para Dínias, vencedor na corrida dupla: Ajax, filho de Télamon, ilustra as funestas consequências da inveja; alusão fugaz à campanha dos Sete contra Tebas. Não sendo este o momento para citar a extensa bibliografia, pontual para cada ode, que trata da ambiência cultural e mítica das odes pindáricas dedicadas a Eginetas, remetemos para o estudo introdutório de Burnett 2005: 13-44, que oferece uma notável visão de conjunto.

¹¹ A base de dados online que recebeu o nome de Beazley elenca 329 peças.

¹² De meados do século VI é datada uma banda de escudo (*LIMC* *Achilleus*' 415) que parece apresentar, face a face, Aquiles e Ajax, o que os coloca já na posição de heróis míticos paradigmáticos.

Neoptólemo, sendo igualmente visíveis dois heróis troianos (Heitor e Astíanax? = **estampa 1**) e um grego, supostamente Aquiles. A segunda, um lécito ateniense de figuras negras de fundo branco, datado de c. 500-490 (= *LIMC* 'Achilleus' 361 = **estampa 2**), retrata a morte de Astíanax e às mãos de Aquiles, que segura a criança por uma perna. No que ao mito da descendência de Asopo diz respeito, mais concretamente ao rapto de Egina por Zeus – a origem das duas gerações de heróis que venceram Troia – não conservamos, estranhamente, qualquer vaso proveniente da ilha que o atualize, situação que contrasta com a de Atenas, onde esse mito, sobretudo nos inícios do século V, passa a ter uma representação considerável na cerâmica¹³.

É porém na escultura local que vamos encontrar, para ambos os mitos, os exemplos mais flagrantes, em particular na escultura monumental de índole pública. Desta, centramo-nos nos dois pedimentos do Templo de Afaia¹⁴, pese embora outros pudessem ser alvo de estudo¹⁵. O primeiro templo, construído durante o século VI, teria sido consumido pelas chamas nos últimos anos desse século, e a grande maioria dos críticos acredita que o novo Templo de Afaia teria ficado concluído na década de 90 do século V. Das esculturas que incluíam o primeiro edifício, não conservamos quaisquer informações. Quanto à segunda versão do templo, os dois pedimentos originais mostrariam a perseguição da ninfa Egina por Zeus e uma Amazonomaquia, mas cedo foram substituídos, não havendo qualquer prova de que tal tenha sido motivado por um desastre natural ou qualquer outro factor semelhante. Acredita-se, embora não de forma unânime, que primeiro foi substituído o pedimento ocidental, e só depois o oriental¹⁶, sendo opinião global que, por volta de 480, as segundas versões de ambos os pedimentos estariam concluídas e colocadas *in situ*, costumando a conclusão do pedimento ocidental

¹³ Heródoto (5.89) refere um oráculo recebido pelos Atenienses que os terá levado a construir, nas imediações da Ágora, um santuário a Éaco, o que tem sido interpretado como forma de contra-propaganda ateniense no contexto das lutas entre Atenas e Egina. Com efeito, é neste sentido que deve entender-se também a pintura de vasos, que parece corroborar a apropriação política do mito do rapto de Egina por Zeus, que por este período (transição da primeira para a segunda década do século V) se torna mais evidente.

¹⁴ Afaia, simultaneamente uma ninfa e uma náide, representava a combinação entre a terra e o mar, as duas valências territoriais da ilha de Egina. Era patrona dos pescadores (Diod. Sic. 5.76; Ar. *V*. 369) e, pelos seus atributos, uma divindade próxima de Ártemis e Hécate. Estatuetas votivas suas provam a sua característica de *kourotrophos*, à semelhança de Ártemis. O seu nome explicar-se-ia pela capacidade de se tornar invisível e reaparecer noutra local (Paus. 2.30.3). Segundo uma versão tardia (Ant. Lib. 40) teria sido perseguida por uma criatura semi-monstruosa e aportado a Egina. A deusa seria também tutelar de rituais de iniciação, como prova a arqueologia do seu templo. Vd., a este respeito, Burnett 2005: 30-31.

¹⁵ Walter 1993: 48, fig. 42, supõe que também no pedimento oriental do templo de Apolo em Egina a figura central seria a de Atena.

¹⁶ Ohly 1976: 15 considera que o pedimento ocidental terá sido substituído por volta de 490 e o oriental entre 480-475; Martini 1990: 246 data ambas as substituições de c. 480; Stewart 1990: 183 considera a primeira substituição (ocidental) de 490 e a segunda (oriental) de 480.

ser datada de 490, o que permite concluir que Baquílides ou Píndaro, uma vez na ilha para a execução das odes que dedicaram aos atletas vencedores – todas elas por certo posteriores a essa data – possam ter contemplado essas esculturas. Não obstante a impossibilidade de confirmar esta coincidência, é inevitável não ler nestas esculturas a actualização iconográfica, a um nível público, dos mesmos temas míticos que também Baquílides e Píndaro utilizaram nos seus encómios a atletas da aristocracia local, com semelhantes propósitos políticos de afirmação pan-helénica. Com isto não estamos a defender qualquer dependência artística de um em relação a outro (poeta e artista plástico), apenas a partilha de um património de temas e motivos com significado especial no folclore local.

Estes segundos pedimentos, dos quais conservamos vestígios significativos que permitiram a D. Ohly o seu estudo e reconstrução (**estampa 3**)¹⁷, incluindo-se no estilo arcaico-tardio, ilustram duas cenas das duas campanhas gregas contra Troia. No pedimento ocidental estão em destaque, ao lado de Atena, Ájax e Aquiles, os mesmos dois Eácidas cujas aristeias Baquílides contempla no epínicio para Píteas, ilustrando-se o primeiro assalto da segunda campanha grega contra Troia. No pedimento oriental, recua-se no tempo do mito: a cena parece representar a guerra de Hércules contra Laomedonte (pai de Príamo), no contexto da primeira campanha grega contra Ílion. Sendo mais difícil de identificar as figuras, à direita da deusa está quase de certeza Peleu e, à esquerda, a penúltima figura (com elmo de leão) é Hércules, relegado para um plano menos evidente para dar realce aos verdadeiros heróis eácidas, provavelmente Peleu e Télamon (identificação não segura).

Fearn (2007: 98) acredita que a mudança das esculturas dos pedimentos – iniciada, ao que tudo indica, em 490 ou no ano anterior –, e a inclusão de Atena ao centro, poderá indicar uma intenção de neutralização política da rivalidade com Atenas ou mesmo a apropriação da divindade como pró-egineta, no contexto de um clima de orgulho nacionalista que se vivia na ilha¹⁸. Para o autor (pp. 99-100), os novos pedimentos teriam essencialmente dois significados: dar mostra da maior importância de Egina, face a Atenas, no contexto do passado

¹⁷ O estudioso faleceu, no entanto, sem deixar a tarefa concluída.

¹⁸ A substituição dos pedimentos terá acontecido logo após a batalha de Maratona (490) e diversos acontecimentos políticos nos anos circundantes a essa data parecem iluminar as motivações desse orgulho nacionalista que teria estado na base das esculturas. Em 491 a recepção em Egina de emissários persas levou a que o espartano Cleómenes se deslocasse à ilha para fazer reféns contra qualquer possível colaboração (Hdt. 6.50). Sob o comando de Crios, os oligarcas locais resistiram e, algum tempo depois, os principais aristocratas eginetas foram deportados para Atenas. Após a batalha de Maratona, tendo falhado uma tentativa para trazer os exilados de novo à ilha, os Eginetas capturaram um navio ateniense que transportava uma embaixada sagrada (Hdt. 6.87), ao que tudo indica na primavera de 489, ficando na posse de um grupo de reféns atenienses. Meses depois, assassinaram Nicódromo – um egineta que tentara o poder absoluto – e 7000 dos seus seguidores (Hdt. 6.89-91). Egina, nos meses que se seguem, repele a ofensiva marítima de Atenas e toma mais quatro navios seus (Hdt. 6.92-93).

mítico troiano e, a um nível muito mais concreto, argumentar que o passado mítico da ilha a tornava mais preparada para enfrentar os Persas, dessa forma respondendo inequivocamente à acusação ateniense de Medismo. E tal parece deprender-se sobretudo da presença de uma figura com trajés orientais no pedimento ocidental que tem sido identificada como Páris.

O que ambos os pedimentos querem proclamar publicamente, e com eles as odes de vitória para atletas eginetas que conservamos, é que por duas vezes essa ilha guiou, vitoriosos, os Gregos até Troia, o maior inimigo da Hélade (no plano do mito), um poder resultante da aliança entre os descendentes de Éaco, Hércules e Atena. E, como tal, perante um igualmente poderoso inimigo – os Medos – uma vez mais tem que caber a Egina um papel central na sua neutralização. No contexto das hostilidades com Atenas, tem afinal razão Williams (1987: 673) quando fala da “réplica à propaganda de guerra de Atenas”, de uma ilha que, pela poesia e pelas artes plásticas – nenhuma delas, afinal, como Simónides consideraria, uma arte silenciosa – se apresenta ao mundo grego como a legítima pátria ancestral dos vencedores de Troia.



Estampa 1 - Ânfora de colo ateniense de figuras negras, atribuída por Beazley ao Grupo das Três Linhas, datada de c. 550-500 (*ABV* 320.7, 290, 694 = *LIMC* 'Priamos' 88).



Estampa 2 - Lécito ateniense de figuras negras de fundo branco, proveniente de Egina. C. 500-490 (Copenhaga, Nat. Mus. Chr. VIII. 383 = *LIMC* 'Achilleus' 361).



Estampa 3 - Reconstituição das esculturas da segunda versão dos pedimentos do Templo de Afaia em Egina. 3A) Pedimento ocidental do templo de Afaia em Egina. Segunda campanha troiana. i (Atena), ii (Aquiles), iii (Mémnon), iv (Teucro), v (companheiro de Teucro), vi e vii (2 troianos), viii (Ájax), ix (Heitor), x (Páris), xi (troiano), xii e xiii (2 gregos).



3B) – Pedimento oriental do templo de Afaia em Egina. Primeira campanha troiana. i (Atena), ii (?), iii (Télamon), iv (Iolau), v (Héracles), vi (soldado grego), vii (Peleu), viii, ix, x (?), xi (Laomedonte).